



Visado pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano IV - N.º 97
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
15 de Novembro de 1947

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

Palavras consoladoras Casa do Gaiato de Lisboa

TEMOS actualmente poucos recursos monetários para prosseguir com as obras das nossas aldeias e manter os seus habitantes. Aquela carta que me veio em dia dos meus anos, do P.º Manuel, e aqui devidamente publicada, é um documento. Dito de Miranda, dito de Coimbra e do Tojal e do Porto e daqui. Temos muito poucos recursos. Não é que as fontes tenham secado. Não podem secar. Mas a água vem num fio. Eis aqui uma face da medalha. E' a face negativa.

O panorama da outra face é simplesmente pavoroso. Os rapazes que nos procuram, não tem conta. As cartas aonde se pede um cantinho na aldeia, da mesma sorte. A casa do Tojal não está ainda ao serviço e os pedidos já nos chegam de toda a parte. Que fará quando ali estivermos! Os que hoje abrigamos, contam-se por numero elevado. Mais: Muitos deles são doentes. Ou contraídos na rua ou no ventre das mães, em qualquer dos casos, estes males reclamam mais assistência, mais carinho, mais despesas. Agora veem as obras. Obras de construção das aldeias aonde nos encontramos. Mais edificios. Mais escolas. Mais oficinas. São coisas absolutamente necessárias. Elas são o grande remédio deste grande mal. Não se trata de um capricho ou de um apetite ou de uma vaidadesinha de fazer melhor do que os outros. E' preciso acudir agora ao trágico desabar dos homens. Pois muito bem. Obras em mão, significa grandes somas dispendidas. O sustento diário da população das nossas casas, significa enormes somas dispendidas. O cuidado da saúde do vestir e do calçar, leva-nos os olhos da cara. Qual a nossa situação financeira? Peço aqui aos meus leitores que vejam no derradeiro numero a carta a que atrás me reporto. Para realizar o pagamento de uma data de contos de dividas, tinha o jovem sacerdote 860\$ em caixa! Que lindas contas! Que contas tão certas e tão verdadeiras! Ai, quem as soubesse ler às direitas! Mas deixemos por um momento estas considerações de ordem puramente sobrenatural e vamos às realidades visíveis. A's realidades dos que comem o milho no chão, como as galinhas. Estes são a maioria, infelizmente. Cristãos desfigurados, porque desfiguraram a face de Jesus. Ora segundo a ordem natural das coisas, não se vê bem o sentido do titulo deste artigo do fundo. *Palavras consoladoras* parecem não ter lugar dentro de tamanha desolação. Pois quê? Um mar de despesas necessárias, urgentes, inadiáveis e um fio, um fiosinho de receitas. E esse fio não é sempre nem é certo. Mais. E' preciso andar por lá a explora-lo,

e às vezes não dá nada ou dá muito pouquinho. Que é da razão do titulo? Aonde as palavras consoladoras?

Eu vou dizer: Paz. Muita paz. Aqui há umas semanas, recebi dois livros de Viseu. Arrumei o pacote e passados tempos abri, a vêr o que era. Um deles tinha por fóra: *Vida do P.º Dameão*. Tomei o livro e coloquei-o sobre a mesa de cabeceira no meu quarto de dormir. Cortei as folhas. Comecei a lêr muito devagarinho. O melhor da vida do santo, nunca aparece na *vida* que os autores escrevem. Não vem. O melhor fica dentro deles. Mas há muita coisa escrita que faz bem à alma da gente. Eu tenho que a pessoa que mandou o livro não soube, ao fazê-lo, nem agora sabe, o bem que me fez! Nós precisamos de tonicos. Ora as *palavras consoladoras* foram recolhidas e veem do livro em questão.

Se este numero de hoje fôr lido por cincoenta mil portugueses, a todos eu digo: *corações ao alto!* Que seja para cada um deles a verdade que dá o nome a estas regras. Comecei a lêr, até chegar ao ponto onde o P.º Dameão entrou na ilha de Molokai, naquela tarde, e se *instala* de baixo duma árvore, com o chão por almofada e as estrelas por cobertura. Ele e setecentos e cincoenta almas desfiguradas e mal cheirosas. Leprosos. A ilha dos leprosos.

Chegado que fui a este ponto, andei mais umas páginas, aonde vinha o projecto das realizações do incrível apostolo: trezentos edificios de cal branca. Hospitais. Patronatos. Igreja. Creches. Jardins. Arruados. Andei mais prá frente e topei os fundos; as somas de que *Ele* ia prevenido para dar começo a obra tão gigantesca. Eram o seu breviário e o seu crucifixo. Mais ainda. Viro mais páginas e encontro de como *Ele*, o apostolo, prosseguia activamente e rapidamente com as obras.

Nós os leprosos. Assim se dirigia o P.º Damião à assembleia dos seres leprosos, quando lhes falava do altar! Esta é a bomba final. Palavras consoladoras. Note-se que o P.º Damião *não* era *ainda* um leproso ao tempo em que daquela maneira se dirigia aos seus leprosos—*nos os leprosos*. Era o desejo de o ser. Era a força da conquista. Dentro em breve, de varios credos e até de nenhum credo nos habitantes da ilha, todos eram do credo do apostolo. Uma só alma num só coração. *Nós os leprosos!* Era o desejo de se tornar como eles para salvar cada um deles. *Desiderio desideravi*. Vem assim no Evangelho. O Leproso Divino. O Leproso da Cruz, *tambem* assim fez. Ou pretendes tu apanhar trutas com as calças enxutas?!

CONTRA todos os ventos e todas as marés, está por pouco o dia da sua abertura. Não é remar contra; é lutar com ventos, mares e a vontade dos homens. Antes de destinar o pessoal feminino, reuniram-se em Paço de Sousa, Casa Mãe da Obra, doze das nossas obreiras, em convivio espiritual. Muitas delas, nem de nome nem de vista se conheciam. Agora todas se conhecem. Conservam entre nós a maneira de vestir que trouxeram de suas terras; umas de chailes, outras de manta. Não é o habito que faz o monge. E' um sinal do Céu na nossa Obra, verificar-se a presença espontanea destas Mulheres, na medida em que delas há necessidade. Elas são um elemento indispensável. Elas a Mãe. Mãe do nosso mundo de enjeitados. Tivemos uma entre nós que houve de se ir embora por doente. De uma vêz, foi preciso aplicar-lhe uma injeção. Ela geme. Queixa-se. De quê? Da sua dôr? Não. *Ai como isto faz doer aos nossos pequeninos!*

Era a dôr das injeções aplicadas aos pequeninos, que lhe fazia doer! Elas são a Mãe. De uma vez, em Coimbra, uma Senhora verdadeira, mãe de nove filhos, dizia-me, a chorar, de um deles, que padecia de doença incurável: *Eu queria para mim as dores da minha filha!*

E' um sinal do Céu, dizia, que se nos apresentem obreiras à maneira que a obra se dilata. O outro sinal, ainda é mais consolador. E' o ser a Igreja que nos chama. Nós vamos para Lisboa, fundar a Casa de Lisboa, levados pela mão do Patriarca de Lisboa. E' a Igreja que nos chama, sim. Sua Eminencia dá-nos o uso da quinta e palácio de Santo Antão do Tojal, a dois passos da vila de Loures. Uma coisa e outra haviam sido dadas pelo Governo, que, por sua vez, as tinha ido buscar à posse dos antigos Patriarcas de Lisboa. E' o jogo do rapa. Os bens do mundo estão sujeitos à traça, à ferrugem e ós ladrões. Continuemos. Sua Eminencia, dá-nos um Sacerdote, o qual se junta a nós outros em admiráveis condições, a saber: Vem ganhar cento por um e a vida eterna.

Mais. Sua Eminencia, dá-nos autorisação de usar na Sua diocese a chapa de mendigo. Deixa-nos ir às casas dos publicanos e dos pecadores. Permite e deseja, até, que nós tratemos com a gente de má nota! Mais ainda. O Cardeal Patriarca de Lisboa disse-nos, e não pediu segredo, que *Ele* se considera e de facto o é o pai espiritual das gentes da rua, nomeadamente das Creanças que por lá

andam, às vagas. Estas as credenciais. Com elas nos vamos apresentar em Lisboa. Foram-nos dadas em particular, sim, mas queremos dizer de sobre os telhados o que em secreto nos foi dito. Vêmos sem saca nem bordão. E' a Igreja que nos chama. Não há outro caminho nem outras disposições. *Faltou-vos alguma coisa por lá quando vos mandei?*

Eis a pergunta do Mestre. A resposta que os apóstolos *então* deram, é precisamente a mesma *de hoje*. Nada. *Não nos faltou nada, Senhor*. Não podia faltar. Não pode faltar nada. Porquê? E' o Mestre quem chama e acabou.

Porém, não vá a gente facilitar. Cautela! Não estamos de maneira nenhuma dispensados do trabalho,—nem de trabalhos. Temos de andar, de pedir, de instar. De *chatear os senhores*, como graciosamente diziam os nossos, na sua graciosa gíria. Nós já fizemos encomendas a duas fábricas. Camas de ferro e colchoaria de Avanca. Louças de alumínio da Alumina do Porto. Não há tempo a perder. O Padre Adriano deseja abrir a Casa no próximo dia 8 de dezembro e celebrar missa nas ruínas da igreja. Uma pedra. Pão e vinho. Um sacerdote. O resto é um Mistério de Amor tão louco, tão louco, tão louco, que por louco, muitos o não aceitam! Será no próximo dia 8 de Dezembro? Depois se dirá.

Uma noticia certa que desde já se comunica, são as pessoas e lugares aonde cada lisboeta se pode descobrir. Primeiramente o Patriarca. Donativos directa ou indirectamente entregues a Sua Eminencia. Estão cincoenta leitões encomendados. Loixas, da mesma sorte. Roupas, não se fala. Vem aí o inverno. Em segundo lugar, temos o Montepio. O Montepio Geral. E' na Baixa. Ali recebem tudo quanto lhes seja entregue. Esperam por tudo. Nós precisamos de tudo. E' uma fundação. Não possuímos absolutamente nada. Aquelas pessoas amigas da obra que até à data costumavam mandar pacotes para aqui, que depositem: agora no Montepio.

E' mais perto. E' mais facil. A obra é a mesma. Em terceiro lugar, temos o Pároco da igreja de Nossa Senhora de Fátima. Ali também se aceitam coisas. E' naquela igreja que está decidido começar a campanha da Casa do Gaiato de Lisboa, feita nos pulpitos da capital às estações da missa, como ao depois se dirá. Vamos a vêr. Já sei como são os pulpitos de Coimbra. Também conheço os do Porto. Em Lisboa nunca prèguei. Vamos a vêr.

ASSINATURAS PAGAS

A's vezes recebemos cartas aonde se pergunta as condições de assinatura. Outras vezes, é aos nossos rapazes que fazem essa mesma pergunta. Ora hoje eu vou aqui responder a todos por todos. Peçam o jornal e acabou. Ele lá vai ter. O que interessa é ler. Ler e reler. Ele é a Boa Nova. A revelação. O espanto. Ele está dentro de ti. E' por via de uma força interior, que os leitores rejubilam. Haja em vista o caso de há dias: Aquêlê senhor de Algures que tinha o jornal em casa, mas que o não lia por trazer o nome de um padre no cabeçalho. Porém um dia, chegou a hora dele... Dele, sim. Do senhor de algures. O resto, já se sabe. Vinte contos em dinheiro e 8 navalhãs de barba pró Piriquito. Isto, o que se sabe. Melhor, porém, o que se não sabe. O que ficou dentro d'aquêlê senhor d'algures. O que êle sente. O que êle diz. Como êle espera hoje, por aquilo mesmo que antes não queria!

Assina. Não perguntes condições. Não profanes.

E mais nada.

MAIO

Padre Josué Pereira Lopes, Serpins, 60\$; H. C. Guimarães, Angola, 100\$; António Hérico Nogueira, Maceira-Liz, 20\$; Francisco Ribas de Sousa, Viseu, 30\$; Maria Melodi, 20\$; Maria Júlia Santos, 20\$; Angelo de Sousa, 20\$; Delfim Pacheco, 20\$; Manuel Silva, 20\$, todos do Porto-D. Justina Martins, Mogadouro, 20\$; D. Lucília Almeida Pinto Ribeiro, Bouça—Marco de Canavezes, 20\$; Manuel Godinho, Romeira—Alenquer, 25\$; Maria do Céu Fernan; des Guerra, Elvas, 40\$; Prima Garcia dos Santos, Monte Redondo—Penacova, 30\$; D. Maria Beatriz Dias da Fonseca, Porto, 50\$; D. Albertina Pereira Marcos Ordeiro, Namaacha Moçambique, 70\$; Padre Manuel Gonçalves Martins Leitão, Seminário—Fundão, 20\$; Padre António de Deus Sequeira, Fatela (2 anos), 50\$.

Padre José Genro Carvalheira, Alcaria, 20\$; António Vaz Ferreira, Fundão, 50\$. Padre Acácio Marques dos Santos, Alcantôsta, 40\$; José Augusto Alves, Lisboa, 100\$; Carlos Baptista Frazão, Lisboa, 20\$; D. Maria da Luz Gonçalves, Lisboa (3 meses), 6\$; Madame Elisabet de Bethencourt, Lisboa, 30\$; D. Maria Vaz Monteiro, Manuesca, 20\$; Padre Joaquim Guerreiro Barbas, Safara, 20\$; Casa da Divina Providencia e Maria Auxiliadora, Safara, 20\$; Dr. Jaime Deniz Oliveira de Almeida, Nisa 100\$; Engenheiro Vasco Lopes de Mendonça, Lisboa, 50\$; D. Maria Lúcia da Glória Silva, Lisboa, 20\$; Amigos da Casa do Gaiato por intermédio de V. M. F.—M. S. Pedro da Cova, 40\$; D. Berta Maria Gageau Formigal, Foz do Douro, 25\$; M. Sequeira Azevedo, Foz do Douro, 30\$; D. Maria Emilia Nunes da Ponte Guimarães, Foz do Douro, 30\$; Manuel Fonseca, Porto, 200\$; D. Maria dos Anjos Almeida Couto, Porto, 50\$; C. A. R. G. Porto, 25\$; João Manuel dos Santos Pinho, Vila Nova de Gaia, 20\$; Ernesto Alves Pereira, Porto, 50\$; Professor Fernando Augusto Paulo, Lisboa, 50\$; José do Lago Vasconcelos Mota, Foz do Douro, 50\$; Padre Joaquim José de Queiroz, Figueiró-Serrinha, 50\$; D. Beatriz Rebelo, Figueiró-Serrinha, 50\$; D. Carolina Pinheiro, Figueiró-Serrinha; 50\$; D. Maria Olinda Pinheiro Magalhães, 50\$; Artur Teixeira da Mota, 50\$; D. Maria Natália de Sousa Pereira, 25\$; D. Maria Beatriz de Sousa Pereira; 25\$. Todos de Santa Cristina.

José Guilherme Abreu Monteiro, Vermoim Familiarão, 50\$; D. Maria Cândida Godinho França, Fundão, 25\$; Menino Francisco José Martins França, Lisboa, 25\$; Menino Mario Augusto Veyrier Valério Maduro, Alcobaca, 30\$; D. Maria do Espírito Santo Martins, Macedo do Peso 30\$; José Maria Pimentel, Macedo do Peso, 30\$; D. Celeste Teles de Oliveira, Coimbra; 25\$; D. Maria Cerveiras, Coimbra 25\$; José Monteiro da Costa, Montemor-o-Velho, 25\$; Padre José Manuel Rodrigues, Lervão, 40\$; Dr. Alfredo Pinto, Caldas de Vizela, 35\$; Capitão Guerra Pinheiro, Coimbra, 30\$; Directora do Colégio de S. José, Coimbra, 30\$; D. Maria Ema Falcão Mendonça, Lisboa, 30\$; José Vicente da Silva, Baltar, 50\$; Alcino Ferreira Coelho, Rio de Janeiro-Brasil 50\$; Anónimo, Almendra, 20\$; D. Maria Luiza Cardim, Estoril, 50\$; D. M. Leonor Val do Rio, Estoril, 30\$; D. M. de Lourdes Sampaio, S. João do Estoril, 30\$; Dr. Roberto Faria, 30\$; M. do Carmo Peniche 50\$; D. M. S. José Figueirôa Rêgo, 30\$. Todos do Monte do Estoril.

D. M. Raquel Pinto da Costa, S. João do Estoril, 30\$; D. M. Elvira Monteiro, S. João do Estoril, 30\$; João Oliveira, Serzedo-Miramar, 20\$; D. Margarida Soares de Miranda, Marco de Canavezes, 50\$; Artur Ferreira Bago, Oliveira do Douro, 100\$; Maria Emilia Rezende, Sinfães, 30\$; João de Deus do Amaral Semblano, Marco de Canavezes 50\$; D. Maria Fernanda Relvas, Lisboa, 20\$; João Pacheco Moreira Lobo, Paredes, 30\$; D. Berta Pereira, Lisboa, 20\$; D. Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte, Lisboa, 1.000\$; D. Maria Margarida Estêves dos Santos, Viana do Castelo, 25\$; Dr. Almeida Neves, Beja, 50\$; Alnaldo Melo Braga, Foz do Douro, 200\$; Maria Elvira Pereira de Vasconcelos, Seixal, 20\$; Carlos Policarpo Alves Ferreira, Seixal, 20\$; Maria Eugénia A. Costa Marques, Lisboa, 10\$; Victor Rocha, Porto 3 anos, 250\$; Maria José Vilanova, Vila da Feira, 20\$; Dr. Carolino Ferreira, Coimbra 7 anos, 200\$; Vitorino Gomes Silva, Porto, 50\$.

Do que nós necessitamos

Mais de Torres Vedras um pacote de cintos e coisas. Mais da Granja roupas. Mais no Depósito roupas e latas de folha pra copos. Mais roupas. Mais um boneco. O Cête, que fôra nesse dia ao correio, berrava lá do fundo da avenida: *Levo aqui um macacol! Vem a dizer que é pró de 4 anos!* Abriu-se. A' primeira vista, parecia ser uma boneca, ao que os circunstantes responderam com desagrado: *Fôra. Aqui não há meninas.* Mas não era nada uma boneca. Trata-se de um brinquedo neutro, com focinho de cão. Encontra-se actualmente na camarata dos *Batatas*, aonde dorme também o Acácio, que por ser o mais pequenino de todos, trocou o nome que tinha por outro que cá lhe deram: *o feijão pequeno.* Já que falamos nele, tenho a dar uma notícia muito agradável a seu respeito. Ganham as senhoras. Perdeu o senhor Joaquim. Sempre que êle o manda buscar para o trabalho, Acácio não vai. Vai mas é para onde as senhoras. Venceu a idade!

Mais duas toalhas de uma costureira de Viseu. Mais roupas do Porto. Mais de algures de Portugal, de João Ninguém, 500\$e um pedido especial para o dia 22. Sim senhor. Fixe. Olhe; no dia seguinte nasci eu! Veja lá como andamos tão pertinho! Fala aqui de *algures* um *João Ninguém.* Nunca vi coisa tão bem escondida! Mais de Matosinhos 120\$00. Mais, de Lisboa, um recado assim: *De um consultório médico telefonaram para lhe mandar estes tres contos.* Como teria sido? Que se teria dito no consultório? Seja como fôr, recebi e agradeço. Visitantes. Não há quem nos conte, de tantos que teem sido! Este ano, já não vale a pena, mas para o que vem, havemos de ter um diário escriturado para espanto de todos. E' um acto de fé. Eu cá não escondo nada. Quero que o mundo saiba e acredite. Mais pneus de Lisboa. Mais outra vez a mesma coisa da mesma terra. Mais um saco de castanhas. Mais roupas da Beira Baixa. Mais ditos de S. João da Madeira. Mais ditos de Lisboa. Mais outra vez de ao pé de Lisboa, um fato e 4 pares de calçado. Assim se calçam e vestem os nús. Mais de Rio de Moinhos, Leste, cinco lençóis. Mais em o *Depósito* um pacote de roupas, um dito de calçado, um outro de lapis de lousa, um dito de revistas. Mais de Braga um vale de mil e trezentos escudos. Que será isto? Subscrição? Promessa? Mais um donativo de dez contos. Mais a noticia que aquela joia de alguém de algures, foi avaliada em nove mil escudos. O avaliador, porém, deixa compreender que dará mais alguma coisa. Mais um envelope entregue por alguém a um dos vendedores, (O Ernesto) o qual vendedor o entregou ao Zé da Cozinha, outro vendedor que vai de Paço de Sousa e êste, à chegada, entregou aqui. Foi-se a vêr o que era. Duas de quinhentos.

Fui ao Porto e quis saber do Ernesto quem lhe tinha dado o envelope. Fôra uma mulher. Uma mulher do povo *sem pasta e sem chapéu*, como êle mesmo informou. Viúvas do templo! Mais roupas e calçado entregue no Lar do Porto. Mais vinte e oito peças de agasalhos de lã em folha, também no lar. Mais de Vizeu uma pancadaria de lenços. Lenços de algebeira. Vizeu a dar sinal. Vizeu tem bons ouvidos! Mais duas peças de riscado do Minho. Mais roupas de Lisboa. Mais 500\$00 do Porto. Mais um tonico para o *doente da cabana* e uma série de perguntas. E' alguém que muito se importa com a nossa vida. Pois bem. Este numero do *famoso* responde a todos. Fala do Pastelão. Fala da abertura da casa de Lisboa. Só não diz do Documentário. Olhe; êste está no Secretariado da Propaganda á espera. Nem a fita é mais fidalga do que eu! Eu também espero, sempre que me é preciso ir a Lisboa. Nos Secretariados ha, até, umas cadeirinhas muitissimo confortaveis com o respectivo cinzeiro e tudo o mais que é necessário para esperar. A gente só tem de levar de coisa a paciencia.

Mais duas toalhas de Tomar. Mais tres ditos de Lisboa. Uma lembrança: Vem lá o natal. Os senhores que costumamos oferecer um mimo de vinho do Porto, não quebrem a tradição. Nós somos mais êste duque eramos o ano passado. Muito mais. Também desejamos ilucidar que a joia avaliada em nove mil escudos, produziu doze mil no Porto. *Deu-lhe doze contos*, foi a sentença do comprador. Aceitei: Está a render juros a favor de Quem ofereceu. E mais nada.

Mais duas toalhas de Tomar. Mais tres ditos de Lisboa. Uma lembrança: Vem lá o natal. Os senhores que costumamos oferecer um mimo de vinho do Porto, não quebrem a tradição. Nós somos mais êste duque eramos o ano passado. Muito mais.

Tambem desejamos ilucidar que a joia avaliada em nove mil escudos, produziu doze mil no Porto. *Deu-lhe doze contos*, foi a sentença do comprador. Aceitei: Está a render juros a favor de Quem ofereceu. E mais nada.

Este numero foi Visado pela Censura

Notícias de Miranda

por João Carlos Freitas

Há dias, o Snr. P.º Manuel trouxe uma grande remessa de cintos. Só se ouvia dizer. O Snr. P.º Manuel, dê-me um cintito. Tanto o aborreceram que ele depois passou os cintos para mão da Senhora.

A Senhora, para não aborrecerem também, resolveu dá-los logo. O' minha Senhora dê-me um cintito! era a lenga lenga monótoma de todos. O' minha Senhora, eu tenho-me portado bem.

Por fim, até alguns choravam.

Hoje, estava o Carlos a engraxar sapatos, quando eu lhe disse. Tu eras bom para ires para um café engraxar sapatos. Ele todo emproado respondeu logo: Eu quando for maior, hei-de ir para uma carpintaria engraxar sapatos que é para ganhar muito dinheiro.

Tivemos cá há dias, uma visita inesperada.

Foi o Snr. P.º Américo que sem dizer nada a ninguém, apareceu cá em Miranda.

Tínhamos acabado o jogo da bola e já regressávamos a casa, quando vimos um Snr. P.º.

Uns diziam que era o Snr. P.º Magalhães, outros diziam que era o Snr. P.º Adriano, até que por fim, uns que vinham cá mais atrás disseram que era o Snr. P.º Américo. Partimos todos em alta algazarra com direcção ao nosso Pai Américo para lhe pedirmos a bênção! A' tarde estivemos todos ao pé do Snr. P.º Américo, cada um contanto as suas coisas. No meio de muito riso, tocou para o terço. No dia seguinte o Snr. P.º Américo foi-se embora juntamente com os miuditos que foram para Coimbra. Ficamos todos com muitas saudades do nosso Pai Américo.

Decorreu muito bem a venda do nosso jornal em Coimbra, venderam muitos.

Todas as vezes que corre o filme «Rainha Santa» no Sousa Bastos, também corre o nosso documentário por isso juntaram-se lá alguns meninos vendendo só lá, perto de cem. Na Louzã venderam muitos e tiveram acréscimos. Em Miranda venderam todos, restando apenas três.

As nossas obras já estão bastante adiantadas. Já só falta fazer um metro de parede. No outro dia andamos lá todos nós, os maiores, acarretar cimento para uma viga que levou em toda a volta.

Crónica da NOSSA ALDEIA

1 Veio cá o Senhor Padre Manuel, levou roupa para os nossos Gaiatos de Miranda. Disse-nos que êles andavam todos rôtos, e não tinham roupa para vestir. Agora vem o inverno e êles andam cheios de frio. Porque os Senhores não mandam nada para lá. Vem tudo para Paço de Sousa. O Avelino disse ao Senhor Padre Manuel, que a cidade da Covilhã por este tempo costuma mandar roupa para Miranda. Este ano ainda não mandou nada para lá, êles andam cheios de frio. E' preciso os Senhores não se esquecerem da casa de Miranda, pelo menos a cidade da Covilhã.

2 O Periquito anda sempre atrás de mim para eu deitar ao jornal. Para os Senhores mandarem o Stadium uma vez por Semana. Eu, disse-lhe que esta quinzena deitava ao jornal. Ele disse-me logo pois não fazes mais do que a tua obrigação, eu também te deito cheirinho no cabelo. Já que não pagas, como os que ganham a quinzena, paga com outras coisas. Ouvem os Senhores o Periquito é preciso não se esquecerem. Ele também diz que é só pôr casa do Gaiato Paço de Sousa.

3 O Pai Américo fez anos em 23 de Outubro. Ao meio dia tivemos rebuçados e vinho do Porto, e também tivemos recreio até às 8 horas da tarde. A' noite fizemos-lhe uma pequena festa. Naquele dia foi uma algazarra tudo andava contente. Só o nosso Pai Américo não andava lá muito. Porque o Senhor Padre Manuel escreveu-lhe. Em vez de lhe mandar os parabens mandou-lhe uma conta muito grande. O nosso Pai Américo não tinha dinheiro no cofre para lhe mandar. Mas nunca se dezanima porque os nossos estimados assinantes, quando pagarem a assinatura, já há dinheiro.

4 Aviso aos assinantes atrasados que recebem o jornal desde 1944 e ainda não pagaram nada, é preciso pagar alguma coisa, porque a tipografia Nun'Alvares leva dinheiro para fazer o jornal.

DE COMO TEM SIDO AS VENDAS DO FAMOSO

UMA CARTA

Famoso, sim. Começou-se por chalaça com este nome. Daí a pouco, deram-lhe o superlativo. Era o *famosíssimo*. Assim andou por muito tempo na boca dos assinantes e pensava-se muito naturalmente que daí a diante não iria. Pois enganai-me. Veio hoje uma carta a falar no *ultra famosíssimo*! Não sei que gosto ele tem. Os leitores são de cabo a rabo. E são legiões. E cada vez mais. Veio ontem uma lista deles da Invicta, maravilhosamente ordenada, escrita à máquina por via dos enganos e dentro do envelope, uma pancadaria de notas de cem, a rescender, de novas que eram! Sim senhor. Viva o Porto. De S. João da Madeira, vieram quatro nomes de outros tantos senhores que regressaram ao Brasil e quiseram levar o *Gaiato* pràs terras de Santa Cruz. Cada um 500 cruzeiros! De toda a parte,

todas as províncias e terras do Império, pede-se o *Gaiato*, como se fôra a visita de um amigo que se não pode dispensar. No Lobito, há um senhor que costuma mandar listas e listas com nomes de categoria, e dinheirinho a condizer... Da Zambézia, vem uma carta perturbadora, a lembrar uma visita àquela região. E se é verdade o que a carta diz, a ir até lá, tenho de alugar um veleiro de largos porões...! Isto no que toca às assinaturas. Quanto à venda, isso nem é bom falar. Simplesmente espantoso. Tantos quantos.

O Manuel Oliveira, que dá por *Cachimbo*, despachou à sua conta 300 exemplares. Perguntei-lhe como e aonde vendeu tantos.

— Andava aferroado.

— De quem?

— E' o Abel. O Abel anda-se a armar com a camisola amarela, mas já a não leva. E' minha.

Braga marca. Braga abre-nos as portas todas as quinzenas e põe a mesa aos dois que ali vão. Tanto bastou ir lá o Documentário para que alguém, na plateia, levantasse a voz e fizesse uma colecta! Estamos pensando em fazer praça noutra terra. S. João da Madeira. Em tempos, alguém dali, com um estabelecimento, sugeriu. Oferecem-se, até, para receber os vendedores. Se esse alguém ainda está por isso, é favor apitar de lá que a gente apita de cá. Nós precisamos de uma difusão do jornal. Por ele havemos de levantar a casa de Lisboa. Por ele havemos de prosseguir as obras de Miranda. Por ele levaremos a cabo as de Paço de Sousa. E quem sabe se outras casas, noutras terras, não hão-de vir a ter nele o capital necessário, quem sabe? Isto já é muito importante, sim, mas nós queremos mais e melhor. Por ele, havemos de marcar uma época, ser feição original do Evangelho. Limpar teias d'aranha, abrir os corações, dar certeza e alegria à almas. Esta é a principal missão do famoso.



COISAS

NOSSAS



Ontem ouvi d'um visitante que um rapaz da sua terra fôra em tempos pró Brasil, aonde esteve por trez anos, de onde seguiu prá America do Norte e ali se casou. Constituiu familia. Dois filhos que tinha a estudar, quiz êle que viessem concluir na sua terra. Na sua Pátria. Saudades do berço! Lá vem o avião do Novo Mundo e nêle os filhos mai-lo pai. Enquanto em Lisboa, tudo correu sem novidade. Era Lisboa, a ruidosa. Mas aquele pai amava muito a sua terra natal e quiz juntar aquêle amor ao que tinha pelos filhos. Um amor nunca anda só. Lá vai o comboio pra uma terra da provincia, — a terra do enamorado. Não sei como seria a casa aonde o pai nascera. Os visitantes não desceram a isso nem eu lhes perguntei. O que eu sei, por eles assim me terem dito, é que, dias passados, os dois jovens estudantes, nados e creados na America, intimaram o pai a regressar, ou eles o fariam no primeiro transporte. Causa? O nivel de vida. A piolhice nacional. Até aqui, falaram os visitantes. Agora nós. Estes dois moços, mesmo que não tenham presenciado em sua vida, porque moços, devem, ao menos, ter ouvido falar na miseria dos Estados Unidos da America. Tem de haver lá muita miseria, sim, ou êle não fôsse terra de milionarios. Mas tem outra apresentação. Lava a cara. Faz a barba. Veste camisa. Usa sapatos. Sabe comer, tendo quê. E sobretudo é miseria que dá fé de si e gostaria de se libertar. Ora nós não. Aqui não. O que os rapazes devem ter estranhado foi o maravilhoso á vontade. A delicia. A felicidade d'aquela gente. Assim é que deve ter sido, d'ai a repugnancia, o desconforto, o desejo de regressar. Era d'uma vez eu a bordo d'um transatlantico, aonde seguiam umas centenas de emigrantes, gente nossa, na sua maior parte. Fazia sol. Mar de leite. O bico da prôa, era uma pinha de gente. De emigrantes. Havia mulheres a catar mulheres, tal qual faziam em suas terras, ó sol. Estava de sol. Eu já tinha visto, de onde me encontrava, sem que isso me repugnasse. Eu sou português. Sou de uma aldeia de Portugal, aonde hoje se faz na mesma! Nisto, aproxima-se um grupo de senhoras, mãos arroxadas na cabeça, verdadeiramente apavorados: *Look. Look at that!* Eu olhei pró que já tinha visto. Fingi pavôr. E enquanto aquêle grupo de passageiros se retirou espavorido, continuavam aquelas santas, tal qual em suas terras, debaixo da figueira da horta que lá ficou. Elas traziam piolhos. Fazia sol...! Ora aqui é que está. O nosso povo desceu tanto tanto e tanto, que não dá fé.

Procurar erguer o nivel de vida desta gente, é a coisa mais difficil de Portugal. Quem tal fizer, encontra duas barreiras quasi intransponiveis. A primeira, é o habito dos que assim vivem. Estão afeitos. A segunda, é a força dos que não gostam de os vêr erguidos. E' por isso mesmo que nem decretos nem discursos nem sermões. Nada disto presta, se não houver também acção.

Um nadinha de sangue. Um pouquinho dele, sim,—mas de todos. De todos os portugueses. *O verbo fêz-se carne*—e sangue! A quanto não nos obriga esta verdade!

Nota da QUINZENA

Quizera nunca dar noticias como esta, mas devo dá-las por amor à verdade, ainda que isso me faça doer. Eu acredito fervorosamente na verdade. Tenho-me dado muito com ela. E' uma arma terrivel, que desarma tudo e todos. Que noticia é? Mais um rapaz do Lar do Porto que falhou e teve de regressar ao *estaleiro*. Encontra-se em Paço de Sousa, a beneficiar. Ele anda nos dezasseis. Não sabe dos pais. Foi creado por uma ama. Veio das ruas. Em pouco se diz muito.

Por ser inteligente e feita a 4.ª classe na nossa escola, estava indicado um emprêgo na cidade. Daí, a sua presença no Lar, e o trabalhar no commercio. Falhou, digo. Mandou-se recolher. Chegou aqui ontem à tarde. Soube que eu estava na mata e foi lá ter comigo. Não sabia para o que vinha, mas sabia tudo quanto tinha feito. Isso mesmo lhe disse: *Tu sabes tudo. Tu mesmo*. Dividi a conversa em três pontos e dei um minuto a cada um. Primeiro; tarde voltarás ao Porto. Segundo; podes ser um homem se te quizeres sujeitar. Terceiro; podes ir embora se isso te não agrada. Dito isto afastei-me. Andavam lenhadores na mata e eu subi, subi, até onde a eles. Enquanto assim fazia, voltava-me aqui e além. O rapaz continuava de pé, no mesmo lugar e na mesma posição em que o deixara. Eu murmurava uma pequenina oração: *Senhor é teu. Não Vos peço que o tireis do mundo, mas que o liberais do Mal*. Lá em cima, ao pé dos lenhadores, torno a olhar. O rapaz tinha mudado de posição, que não de lugar. Estava agora sentado numa arvore, cabeça inclinada. *Queres ir embora? Queres ficar na aldeia?* O' liberdade verdadeira que tão amarga és e parecez tão docê! Ninguém pode entrar na alma dos mais. As coisas do espirito são conhecidas sómente do espirito, mas pelas circunstancias e atitude do faltoso, não há duvidas. Ele estava ali a determinar-se. *Queres ir? Queres ficar?*

Estamos agora no refeitório. E' a ceia. Talvez o *réu* esperasse por um tribunal, mas não houve tribunal. Dito o hino de graças, todos desandam para as suas casas, mais os chefes de cada uma. O rapaz vem ter comigo.

—Que faço?

—Rapas o cabêlo e apresentas-te ao chefe.

Eis o facto. Vamos à doutrina. A primeira palavra seja um acto de gratidão para o senhor da Rua dos Clérigos em casa de quem o rapaz trabalhava, por nos ter aceitado outro nas vezes deste. Quanto lhe não devo eu! A êste e a todos quantos nos empregam rapazes. A segunda pa-

Depois de ler no «Gaiato» n.º 95 «Aqui Lisboa» e de ter apoiado todas as palavras escritas no mesmo artigo, permita-me que lhe aperte a mão, como trabalhador e Português, ainda que tenha sangue Inglês, pois as palavras escritas no referido artigo, são muito verdadeiras.

São de há muitos séculos e são do presente, quando os Cristãos não querem trabalhar, outros virão que trabalharão e então sofra quem sofrer, dêa a quem doer, a Questão Social, tem de ser resolvida, quer pela razão, quer sem a mesma, quem falar em questão Social, é a mesma coisa do que falar do estado actual de coisas que não estão certas, por *nossa culpa*, por culpa de todos nós, pois a maioria lança-se na apatia ou na indolencia moral e os costumes avançam e são corrompidos e a crnança deixa de vir ao mundo e se a mesma vem, encontra tudo menos aquilo que por lei de direito natural lhe pretence, pois que as riquezas não foram creadas para meia duzia de pessoas, mas sim para serem administradas por meia duzia de pessoas, mas sim para serem administradas por meia duzia de pessoas, mas essa administração é por vezes falsa e por esse motivo existe e continuará a haver injustiças, pelos maus administradores.

Na minha fraca opinião, não existe ricos nem pobres, existe o individuo, a familia, a sociedade e a Nação.

Os bens terrenos, estão na posse de uns, para poderem com justiça serem distribuidos por todos, na medida do possivel, mas deve haver justiça, pois se não a houver, onde hoje existe Igrejas, tempos virá em que existirão cavalariças. Cristo, pregou sempre a justiça e disse que se devia dar a Cesar o que era de Cesar e dar a Deus o que era de Deus, ou seja, por as coisas nos seus devidos lugares, pois doutra forma será construir na areia.

Ela é dirigida ao P.º Adriano, mas veio ter aqui e como nós é que fazemos o jornal, ela aí vai. Nós sim. Os crónistas mais eu.

Também a esta se não tirou nem pôz nada. Assim tem de ser por amor à verdade. Reparo muito naquela *criança deixa de vir ao mundo*, e a razão, um nadinha atrás: *costumes corrompidos*. Razão que o autor da carta apresenta. Ele assina.

E tu que dizes? E' aquela uma razão? Eu cá digo que sim e também lhe aperto a mão, como êle o faz ao P.º Adriano.

Continuando nos meus reparos, vem logo outro a seguir. E' aonde diz que *se a mesma vem, não encontra aquilo que por lei natural lhe pertence*. Daqui, salta logo o Português com sangue Inglês para a má distribuição das riquezas e o mais que na epistola se lê. E' tudo de lêr e de meditar e de tomar por outro caminho diferente daqueles caminhos por onde temos todos nós andado: Hoje. Agora. Amanhã, pode ser tarde...! Soltou sim. Ora eu quero demorar um pouco na primeira consideração e dizer o que se me afigura a tal respeito, a saber: se falta à maioria das creanças aquilo a que elas tem direito, é justamente porque muitas são impedidas de vir ao mundo! E' a fraude. E' a injustiça da fraude nem contrato com o próprio Creador. Esta fraude é de tal modo perigosa, que cega o culpado. Cega o mundo. Não veem. Não querem vêr. Não é de de maneira nenhuma por haver muitas creanças que lhes falta o que precisam. E' mas é por não chegarem à vida todos quantos Deus quer que cheguem. Não são os meios que faltam; é a injustiça que super abunda e causa a miséria. Eis o castigo da fraude. Ora aqui tem, meu senhor. O P.º Adriano é que devia responder, porquanto a carta vinha dirigida a êle, mas como nós estamos constituídos em comunhão de bens, tanto faz um como outro. Quando fôr a Inglaterra dê lá visitas.

Eu já por lá andei.

lavra, seja um pedido de reflexão aos leitores. Todos os leitores. A força do Mal. O poder do Mal. A resistencia do Mal. O tempo que não leva e o trabalho que não dá, a cura dos males da alma! Não conheceu os pais. Foi creado por uma ama. Que leite teria êle bebido? Que herança a dos pais? Ainda reservo uma terceira palavra, para que se coloquem as coisas no seu lugar e se dê à nossa obra aquilo que é dela, a saber:

Uma obra social aonde os rapazes da rua se podem fazer homens, pelas facilidades espirituais e materiais que nela encontram. Ora aqui está. Isto não quer dizer que todos se façam homens. Tem necessariamente de haver deficiências que a natureza das coisas assim o exige. As noticias de hoje, são prova exuberante.

Desanimar? Nunca. Então quê? Trabalhar mais.

O Pastelão! Quem havia de dizer? O forte, o intemperato, o amigo do Caiado! Pois o Pastelão, chega a Coimbra para onde foi estudar, instala-se no lar do Gaiato, e tenho aqui uma carta do P. Adriano a dizer que está em riscos de o mandar de novo para Paço de Sousa, de tanto que chora!! São saudades! Hoje escrevi uma cartinha ó Pastelão a consolar e a prometer uns dias aqui nas próximas férias. Vamos a vêr.

A OS dias de semana, não. Andam todos nas suas ocupações. Mas nos domingos, sim. Os irmãos juntam-se e passeiam a quinta e a mata em todas as direcções. E' o sangue a puxar o sangue. Lá vão eles muito contentes, muito juntinhos, muito felizes. Como não, se vieram do mesmo ventre?? Os quatro irmãos Barros. Os três irmãos Pretas. Os três irmãos de Casaldelo. Os três de Luzim. Os dois da Reboleira. Os dois Nightingale. E mais, e mais, e mais.

O Torcato anda aqui a rondar a nossa porta a vêr se entra, mas este não pode entrar. Depois de estar muito tempo em nossa Casa fugiu. Algumas vezes o fazia, sim, mas ficava escondido na mata.

Era um fugir ao trabalho, que não da Casa. Mas ultimamente resolveu e foi-se embora. Ora êle tem família. Tem um irmão, para casa de quem foi, e tem trabalho em uma fábrica de serração, mesmo ao pé, aonde ganha segundo êle, uns 4 escudos. De aqui fugiu, fugiu para casa do irmão. De casa do irmão foge para aqui! Não pode ser. Não entra. Não entra por amor dos que estão. E' preciso que eles vejam e que compreendam.

O UTRO tanto não dizemos do Rui de Abrantes, que também anda por aqui perto, à espera de entrar. Ele não tem, ou se tem, não sabe da família. Entrará, sim, mas a seu tempo. Há-de beber um nadinha de fêl. Faz-lhe bem a êle, e melhor aos que estão na aldeia. Já houve um tribunal a êste respeito, aonde foi exposta esta doutrina.

O Rui, era subdito do Lar do Porto e nosso há uns 4 anos. Sem razão, fugiu de lá e veio ter aqui, foi mandado regressar. Tornou a fugir. Anda por aí. Há-de entrar — a seu tempo. Se a gente se não segura, os outros acham-lhe graça e fazem na mesma. A's vezes convém que um sofra; mesmo, até, que se perca, para que os outros se salvem. Eu pelo menos, assim o tenho.

SAIU d'aqui agora mesmo o Sapo, bravo como uma cobra. Era uma queixa contra o Bucha. Coisas de cicerones. Era domingo. Os automoveis enchiam caminhos e carreiros. Gente, não se fala. Cicerones, poucos. Os senhores reclamam. Um Cicerone! Ai vem a queixa do Sapo: *O Bucha andava ali com uma malta de senhoras e fugiu pró campo da bola e agora as senhoras não sabem!*

Tenho de arranjar outros cicerones. Isto assim corre muito mal. *Malta de senhoras!* A irreverência do Sapo! Por outro lado, o desmazêlo do Bucha. A falta de maneiras. Deixa as senhoras e foge pró campo da bola vêr o jogo! O nosso descrédito. Vou mudar de pessoal.

MAS nem todos assim procedem. O O Melgaço cumpre. Tem cumprido até hoje. O Cête propôz, até, um prêmio. Dou a palavra ó Cête: «O Melgaço merece um prêmio. Ele é o cicerone mais atestado. Ninguém faz como êle. Ele traz aqui à administração todos os visitantes. Não vem um que êle cá não traga e a gente acaça-lhes assinaturas. Olhe hoje.» Era uma lista de nomes.

A NDAVA eu hoje por aqui algo desanimado. Horas que a gente tem! Passa um dos nossos. Desabafei. O rapaz escuta, com olhos humedecidos: *Deixe que ganha o Céu! Será como êle diz?*

QUEM enxota agora prás aulas é o Cête. Mal toca a sinêta, sai o Cête de onde está, vara em punho, e vai aonde os rapazes estão, sacudir. Antes d'êle, era o Pastelão, o qual sucdeu ao Gari. Como êste, nenhum. Este, corria-os até às portas da escola e só vinha embora, quando os via sentadinhos nos bancos.

Foram-se embora da Aldeia. Este, trabalha no Porto e vive no Lar. Já fez uma das d'êles, no escritório, mas pela bondade do Patrão, ficou, até vêr...

Digo propositadamente deles, por-



No Amazonas? Não senhor. Na Casa do Gaiato. Os lenhadores da nossa casa. A provisão de lenha para êste inverno foi toda preparada pelos nossos rapazes nos meses de férias. Não se acredita facilmente, mas é verdade. Esta fotografia é um documento. Pelos nossos mais pequenos. Os grandes tinham outros serviços.

ISTO É A CASA DO GAIATO

quanto, salvo raríssimas excepções, todos as fazem. O outro, o Pastelão, foi estudar pra Coimbra, como em outro lugar se diz.

O Chico de Casaldelo veio hoje de manhã ter comigo, a pedir licença de ir à festa de S. Simão, satisfazer uma promessa. Claro está que era obrigação minha inteirar-me. O assunto assim o pedia. O rapaz explicou. Tinha cravos nas pernas. Disseram-lhe que promettesse 6 ovos. Ele assim o fez. Resultado? Não tem cravos! O mesmo aconteceu ao Chico de Abrantes. Este tinha muito mais cravos. Montes d'êles. Até sangravam, de tantos e de tão ruins que eram. Também êle prometeu a S. Simão. Prometeu 6 ovos, mas estes pedidos de porta em porta; um a cada porta. Resultado? Não tem cravos! Gosto de saber e de publicar estas coisas, prá senhora Medicina não andar empertigada, a dizer a toda a gente que só ela e mais ninguém! Gosto sim senhor.

As condições do Chico de Casaldelo, eram levar dinheiro de casa, comprar os ovos na capela e ofertar. As do Chico de Abrantes, já as disse: Pedir os ovos de porta em porta. Assim fez. Pediu um ó senhor abade. Pediu outro ó Zé Latoeiro. Outro ó senhor Jaiminho de Antelagar. Outro, a senhora Marquinhas. Outro ó senhor Adão Silva e o sexto, cá em casa. Seis ovos Eu podera ter cancelado as promessas. Eles são menores. Mas não. Antes quiz emancipá-los. Lá foram os romeiros à romaria. Foram com o povo, por sua conta e risco. Cumpriram a promessa; as promessas. Compraram castanhas às mulheres do fogareiro. Viram e gosaram a romaria; nada mais português. Aqui é Portugal.

ESTEVE hoje na nossa aldeia um quadro vivo. Avó e três netos. Lagrimas duplas. Palavras duplas. Amor duplo. Porquê? Avó, duas vezes Mãe! *Somos da Areosa. Trazemos esta carta do senhor abade. Com 78 anos, como posso ter estes netos?!*

Certamente que não. Não pode. Não deve, a menos que lhe sejam dados os necessários recursos materiais. Quem lhos dá?! Hoje, na maré dos problemas sérios, quem cuida destes tão banais? Que importa uma velhota e três crianças? O que mais há por aí são velhotas e crianças. Casos de todos os dias. Coisas banais. Isso que importa, diante dos grandes problemas! Assim se pensa e contudo, êste é o Problema. Sem ele resolvido, nada se resolve.

ISTO passou-se aqui na aldeia. Nesse dia, fui ao Porto. Mal chegado ao Lar, noto uma criança sentada na soleira, acompanhada de uma mulher. *Eu não lhe sou nada, mas tenho pena do rapazinho. Anda na rua. Não tem família. Não deixei desfiar o rosário. Fugi. Depois de todas as voltas regresso a casa à noitinha.*

—Olhe aquêle. Era o Rio Tinto a

a apontar com os dedos para um rapaz que chegara depois da minha saída! Cinco, neste dia, fóra as cartas!

SOUBE hoje, à chegada de fóra, que havia dinheiro de visitantes que pagaram o Jornal. Assim me co-



O Presidente. O rei dos cicerones. Olhar penetrante. Resposta pronta. Maravilhosa compreensão. O que viria a dar êste rapaz na vida, entregue a si mesmo, perdido, abandonado?!

«Entre minha senhora. Não tenha medo. «A gente aqui varre tudo debaixo das mesas e das cadeiras. A gente tira tudo «pra fora. Não fazemos aqui como as «creadas em Lisboa que só limpam aonde «passa a procissão!».

Foi assim que o rapaz disse a uma visitante, quando esta senhora fazia menção de não entrar no quarto dos cozinteiros, de limpo que estava. Foi ela mesmo que repetiu. Eu não ouvi dêle. Soube pela senhora visitante.

unicou o Avelino. O Cête, que é também um membro da administração do famoso, ao confirmar a notícia e mostrar contentamento pelos senhores terem subido à redacção, fala com desagrado, de outro carro que naquela tarde viera: *Um chalado. Os senhores não foram à redacção. Aquêle chalado é pró carro já se vê. O singular assim o denota. Mas o Cête estava um nadinha arreliado. Ele gosta que todos os visitantes subam às instalações dos escritórios, na casa III, e ali paguem as antigas ou façam assinaturas novas.*

Eu aprovo. Eu gostaria que fizessem a vontade ó rapaz.

A CONTECE receber a gente cartas de assinantes, aonde generosa e amigavelmente se acusam da remessa em duplicado: *Olhe que veem dois jornais. Chamei hoje aqui o Avelino, mostrei duas cartas deste genero e quis saber. O Avelino é rapaz de poucas palavras. Leu as duas cartas e disse:*

Sabe o que é? São senhores que tem muitos nomes. Quando assinam, dão um. Quando pagam, dão outro. A gente cuida que são dois senhores e manda dois jornais. Assim explicou o rapaz. Não é que os senhores tenham ou usem muitos nomes, como o Avelino parece dizer. Ele mesmo explicou-se melhor, ao narrar um caso recente. Ei-lo: Estiveram ontem uns senhores na redacção a pagar o jornal. O senhor deu o nome mas a mulher dele disse assim,—olha que tu tens mais nomes. E vai o senhor e diz assim,—deixa lá não te importes, êste nome é que vem no jornal.

Avelino faz uma pausa, a vêr se eu lizia alguma coisa, e como nada dissesse, continua êle: *São as senhoras. São as senhoras que gostam do nome muito cumprido. Ora aqui está aonde o Avelino quiz chegar com os tais muitos nomes. Não são muitos. E' um e o mesmo, só que muito cumprido.*

COMEÇOU há tempos a moda do arco na aldeia. Primeiramente, uns tantos. A seguir, mais. Por fim todos! Era um regalo vê-los a caminho da aula, avenida em fóra: *Pipi. Pópó!* No refeitório, na capela (!), nas casas. Na cozinha, capoeiras, pocilgas, currais. Manhãzinha, saiam de suas moradias pró refeitório, às papas, arco adiante—*pipi!*

Os ajudantes de pedreiro e de trôlha, andavam de gamela à cabeça e arco na mão. Só visto! Eu observava o movimento e cismava aonde teriam eles ido buscar o arame, para fazer tantos arcos. Cismava, sim, mas não queria perguntar. Tinha medo de perguntar. Deixa lá, dizia comigo mesmo. O que fôr há-de soar. Souu. Foi hoje que se soube. Muito simples. Tudo normal. Foram as lavadeiras. As lavadeiras da casa é que deram por ela. iam para estender a roupa no sitio do costume e não o poderam fazer. Tinha desaparecido o arame. Nessa noite, ó que tribunal!

É costume de alguns visitantes mandar de suas terras uma bola para o cicerone que os acompanhou. Estes delectam-se. Aqueles, da mesma sorte. Eu cá não me manifesto. Só peço uma coisa: Com a bola que vier, venham também cem mil reis pra vidros...

ACABA agora mesmo de sair daqui uma comissão muitissimo interessada no que me veio solicitar. Era pró Lourenço cortar o cabelo à homem. O Lourenço é o porteiro. Tem uns onze anos. Nunca pensei em tal, pela sua idade. Mas pensaram os rapazes e explicaram:

—Parece mal andar êle assim rapado quando os senhores chegam de fóra. Sim senhor. Concedido plenamente. *Periquito* esmerou-se. Ele foi um dos da comissão. Faz cobiça agora vêr o nosso porteiro, às ondas, dirigir com os bracitos de dentro da porta, o movimento dos carros que por ela entram. Era da rua da Banharia... Está tudo dito.

OUTRA comissão, também compareceu no meu gabinete, esta composta de três dos maiores, no meio dos quais estava o chefe. Era por causa do *Poupa*. Do reincidente nas fugas, que há muitas semanas pára pelas vizinhanças, procurando entrar de novo na nossa comunidade. A comissão vinha interceder. Pedir que fosse admitido. O caso era grave. Dei aos três rapazes todas as explicações. O fugitivo tem família numa comarca d'aqui perto. Tem trabalho numa fábrica. Que se resolveu? Ir a comissão ao local, chefiada pelo mais velho, vêr as condições da família e ouvir o que ali se pensa. O chefe levava carta branca. *Resolve por ti.* Foram no *Peugeot*. Os três mai-lo próprio fugitivo. Chegaram a casa.

—Então?
—Ficou. Tinha de ficar. Tem família. Tem trabalho. Ameacei-o, se êle voltar à nossa casa.